

## O FRACASSO DO MAIS 1 NO SUCESSO DO CARTEL

Italo Esper

Gostaria de iniciar este texto/relato/produção ou, chamem do que quiser, contando parte da minha experiência (nunca se conta tudo) no Cartel sobre o “Desejo” que se desnodou no início do presente ano.

Entrei neste processo pela primeira vez, sem saber ao certo do que se tratava de fato um Cartel em Psicanálise. Este significativo “Cartel” sempre me remeteu à organizações criminosas, seja nos filmes ou na vida real. O desejo fora um campo da práxis psicanalítica que sempre me interessou desde o princípio da minha formação. Se, grosso modo, a direção de uma análise é suportar o sujeito a reconhecer seu desejo, nada mais justo que tentar entender o que é esse “treco”.

A princípio quis direcionar meus estudos à uma subcategoria que, a mim, interessava mais: o desejo enquanto ética da psicanálise. Como disse antes, eu pouco sabia do que se tratava um cartel, seus meandros, e reformulações de rotas junto aos demais participantes.

Formado um grupo de 4 pessoas, o mínimo proposto por Lacan para a instalação do dispositivo, nos reunimos pela primeira vez. Orientados pelo Robson Mello, colega e, autorizo-me a dizer, animador da formação junto à Escola, fizemos nossa primeira reunião em que, para minha surpresa/aflição e, também, satisfação narcísica fui escolhido como Mais 1 deste cartel. Eu, que adentrava ao dispositivo pela primeira vez, que pouco sabia, na prática, sobre esta posição, estava ali colocado e aceitando. Acredito que seja interessante poder debater essa perspectiva, por mais que ela me exponha.

O Narcisismo está entre nós desde que o homem fala e, para a psicanálise, de modo sistematizado, desde que Freud elaborou seu ensaio em 1915. Arrisco dizer que, em alguma medida, todos somos capturados pelo desejo de reconhecimento (não são necessárias muitas entrevistas no consultório para confirmarmos isto). No meu caso não foi diferente. A posição de mais 1 do Cartel causou em mim demandas de saber ou,

então, de ocupar, inconscientemente, o lugar de mestre. Por inexperiência ou, talvez, por vaidade, “esquecia” do ensinamento de Lacan sobre a função do mais 1 e assumia uma posição de saber ante o grupo. Se, por vezes, eu tentava sair, por outras eu era convocado a tal lugar. Ao invés de fazer furos ou suscitar provocações/inquietações, o que entendo ser a função do mais 1, fiz tamponamentos in-certas ocasiões.

Esta experiência mobilizou em mim uma série de questões que vão para além do próprio dispositivo. Questões estas que me fizeram repensar minha posição subjetiva e, também, minha prática clínica. Ou seja, os efeitos oriundos da vivência de 2 anos de cartel causaram em mim muito mais do que eu poderia esperar (ampliação de conhecimento teórico), causaram inquietações internas potentes ao ponto de me fazerem questionar minha ética. Poder colocar minha posição em jogo é ter a possibilidade de colocar o meu fazer analítico em questão. Para alguém que, lá no início do cartel, queria trabalhar a ética da psicanálise, este período fora de uma riqueza ímpar. O movimento vivenciado neste cartel proporcionou que tal problemática se colocasse.

Encadeando num significante surgido no fim do parágrafo anterior sigo esta elaboração de fim de cartel: “Movimento”. Gostaria de frisar este significante. Lembrome da frase que dá o pontapé inicial numa música da banda pernambucana Chico Science & Nação Zumbi, que diz: *“Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar”*. Esta frase sempre ecoou no meu psiquismo de uma forma a incitar-me: movimente-se. Mesmo que seu movimento seja pequeno/curto/parco já é um movimento, você não está mais no mesmo lugar. Aonde quero chegar com isso? Durante nossos estudos no cartel pude me aproximar, movimentando-me, num lugar não definitivo em relação ao desejo, mas trabalhando com ele e compreendendo-o como um movimento

O próprio processo de um cartel é da ordem de um desejo. Não há algo pré-definido, um objeto para orientação dos participantes, senão o desejo de saber. Há uma proposta sobre a qual nos enlaçamos em busca de um quinhão de saber. Lacan, no seminário 5, As Formações do Inconsciente nos diz:

“A relação do homem com o desejo não é uma relação pura e simples de desejo. Não é, em si, uma relação com o objeto. Se a relação com o objeto estivesse desde logo instituída, não haveria problema para a análise. Os homens, como se presume que faça a maioria dos animais, iriam em direção a seu objeto. Não haveria, por assim dizer, essa relação secundária do homem com o fato de ele ser um animal desejante.” (pág. 324)

Ainda neste mesmo capítulo do seminário, Lacan complementa:

“[...] sempre desconhecemos, até certo ponto, o desejo que quer fazer-se reconhecer, uma vez que lhe atribuímos seu objeto, quando, na verdade, não é de um objeto que se trata - o desejo é desejo daquela falta que, no Outro, designa um outro desejo.” (pág. 340)

O desejo comporta uma falta, desde onde é possível se movimentar. Se visamos o reconhecimento do desejo talvez também possamos visar o reconhecimento de um furo. Furo presente no sujeito, no grande Outro, no discurso e no saber, que nunca é todo. Se a Demanda é da ordem de um dever, o desejo é do campo de um devir. A Demanda exige respostas, em geral sintomáticas, enquanto o desejo pode suscitar caminhos alternativos ao circuito infernal da Demanda.

E a ética da psicanálise, mencionada anteriormente? Quando falamos da ética da psicanálise estamos falando desta posição tomada frente às constantes demandas vistas na clínica, onde o sujeito anseia por respostas, caminhos, conselhos, diretrizes, protocolos, etc, do que fazer com sua vida e com aquilo que lhe traz as inquietações desta. Inquietações que, se por um lado aparecem em forma de inibições, sintomas e angústias, por outro são justamente elas que poderão possibilitar que o sujeito desejante saiba fazer sua vida ao seu próprio estilo, seja no amor ou no trabalho, como nos diria Freud ao se referir àquilo que a psicanálise pode oportunizar.

Desde Freud e seu Projeto Para uma Psicologia Científica, passando por suas elaborações acerca dos Sonhos, em 1900, avançando para a virada teórica em Além do Princípio do Prazer, de 1920, e depois desembocando em Lacan e a proposta de que a

direção de um tratamento psicanalítico seria o reconhecimento do desejo pelo sujeito, podemos pensar que este “conceito” é muito mais que um conceito. Este movimento é estritamente singular, é de cada caso, de cada sujeito, em direção àquilo que só se pode ter acesso através da palavra, aquela que permite, juntamente aos seus duplos sentidos, equívocos, deslizes, repetições, lacunas e, até mesmo, silêncios, dizer de um desejo.

Tendo em vista os desdobramentos deste cartel e tudo que ele pôde proporcionar a mim e às minhas estimadas colegas, que tanto me ensinaram e compartilharam de suas experiências nestes 2 anos de enlace posso dizer que, como mais 1, fracasei, mas enquanto cartelizante fui muito bem-sucedido!